
AUTOBIBLIOGRAFIA DE SEBASTIÃO CRISÓSTOMO DE NEGREIROS (ZOTINHO)

Capítulo 4 – TRABALHO E POLÍTICA

	Página
1 – O PRIMEIRO TRABALHO	2
2 – ORIGEM DE DOM VIÇOSO	2
3 – POLÍTICA	3
4 – FURTO	4
5 – ELEIÇÃO	5
6 – TRABALHO NA CASA GRANDE	5
7 – MEU CAMINHÃO E O MOTORISTA GERALDO LIMA	7
8 – FUTEBOL	9

Transcrito do Diário do Vovô Zotinho por:
José Nilton de Paiva e Joselisa Péres Queiroz de Paiva

Sugestões, comentários, críticas e/ou complementações (relatos e causos) favor enviá-los para:

E-Mail: joselisa@terra.com.br

Endereço: Rua Benedito Calixto, 167 – Apto 15 - Bairro Gonzaguinha

CEP 11320-070 – São Vicente / SP

Tel.: (13) 3469-8004

CAPÍTULO 4 – TRABALHO E POLÍTICA

1 – O PRIMEIRO TRABALHO

Comecei a trabalhar com 15 anos. Comprei uma casinha na beira da estrada de rodagem, com dois cômodos, armazém e balcão, onde eu comecei a vender pinga e mantimentos. Cedi, durante algum tempo, a casinha de negócios ao tio Virgílio e fui lecionar no Rosário no lugar de minha madrastra que estava de férias descansando.

Após o casamento, voltei a vendinha, agora com uma nova sócia: minha “Santa Maria”. O meu capital era o bom nome de meu pai e do tio João do Morro, que eram meus fiadores e conselheiros, aumentado agora com a minha esposa, que sabia fazer tudo com gosto e perfeição.

Em pouco tempo a minha vendinha passou a ser um grande mercado daquela zona. Vinham “cometas” do Rio e São Paulo e das grandes cidades, vendendo suas mercadorias e arranchavam lá em casa. Algumas vezes eu comprava os restos das mercadorias e até a tropa toda. Eles voltavam “escuteiro”. Fiquei sendo a baliza daquela região. Todos os negociantes que vinham de fora passavam pela minha venda, para eu ser o intermediário. Quando eu tinha aperto em minhas escritas, chamava o tio João do Morro. Ele vinha e punha tudo em dia. Dava-me explicações de muitos negócios e depois dizia:

– Vou lá em cima pegar a bóia gostosa da comadre Maria e cumprimentá-la. Era ele o meu primeiro compadre. Vim do colégio de Lorena para batizar o seu filho Gabriel, com toda a satisfação e alegria.

2 – ORIGEM DE DOM VIÇOSO

Rosário era o fazendão de meu bizavô João Capistrano de Macedo Arkmino. Para cá da fazenda era o cemitério da família Capistrano, que neste tempo pertencia ao Curato de Mariana.

O bispo Dom Viçoso, que uma vez por ano vinha fazer crisma na fazenda, acompanhado pelo vigário de Silvestre Ferraz: Padre Antônio Nogueira. Em homenagem a este bispo, o Capistrano velho fundou o Curato Dom Viçoso, duas léguas para baixo da fazenda.

Perto de Silvestre Ferraz havia, num patrimônio de 2 alqueires, doado pelo João Capistrano: escritão de paz, uma igreja, uma casa de instrução, uma casinha paroquial e pequenas casinhas de sapé esparramadas.

Quando eu era criança, vinha com meu pai assistir à missa ali. A Casa Grande ficava há 3 léguas de distância. Quando morria uma pessoa, a guia tinha que ser retirada em Dom Viçoso para ser enterrado no cemitério dos Capistrano cá em cima. Por este motivo e para ficar mais perto dos Pintos e para garantir o cemitério, os Negreiros dos Pintos queriam passar o Curato de Dom Viçoso para cima.

Homem rico e sistemático, João Capistrano era ajudado pelo padre Antônio e não queria a mudança de Dom Viçoso¹ para perto do cemitério dos Capistranos. Neste mesmo ano foi criado o bispado de Campanha, sendo o primeiro bispo Dom João de Almeida Ferrão. Logo foi transferida a paróquia de Dom Viçoso para o Rosário de Dom Viçoso, cá em cima, perto do cemitério. Passou a pertencer à paróquia de Cristina, comarca de Itajubá. Mas civilmente demorou a ser transferida. O escrivão ficou lá no Viçoso velho.

Um outro filho do Capistrano, Dr. Augusto Capistrano de Arkmino, casado com Artina Negreiros, irmã de meu pai, era Dr. em medicina e atuava em quase todo o sul de Minas, médico da Rede Sul Mineira, morava na Estação de Pouso Alto. Era um homem bom e caridoso e o povo o admirava muito. Mandava parar o trem aonde ele quisesse. Queria muito bem a meu pai. Ele comprou dois alqueires de terra perto do cemitério e doou ao patrimônio do Rosário.

¹ LEI Nº 3442 de 28/09/1887: Criação da Freguesia de Nossa Senhora do Rosário de Dom Viçoso

(Fonte: Livro de Leis Mineiras Tomo LIV Parte 1ª Páginas 255 a 262)

Crêa districtos de paz, transfere de umas para outras freguezias diversas fazendas, eleva à freguezia diferentes districtos e contém a respeito outras disposições.

O Dr. Luiz Eugenio Horta Barbosa, presidente da Província de Minas Geraes: Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembléa Legislativa Provincial Decretou e eu Sanccionei a Lei seguinte:

Art. 1º Fica creado um districto de paz na povoação do Formoso ...

§ 6º São igualmente elevados a categoria de freguezias as povoações do Rosário e Bocanina, da fregueziado Carmo da Christina, e Virginia, do mesmo municipio da cidade da Christina, e sob denominação de - **freguezia de Nossa Senhora do Rosário de D. Viçoso**, sendo as suas divisas as seguintes: começando no Sobradinho, compreendendo as terras de Manoel Delfino, por suas divisas a atravessar o rio da Palma, e deste ao alto da serra da Christina, por este além até a fazenda de Lucas José de Souza e divisas desta com as de Antonio Vieira da Silva, até as terras de Manoel Caetano; pelas divisas destas com a fazenda de Antonio Vieira da Silva até as da fazenda de S. Francisco, donde seguirão os limites ao logar denominado "Pinto"; d'ahi, as divisas das fazendas de **José da Silva Gorgulho e do capitão Antonio José de Negreiros Macedo**, pelos limites da fazenda do Rosario, a terminarem no Sobradinho, onde começaram.

A freguezia será inaugurada logo que seja assignada a escriptura de doação de terreno para o respectivo patrimonio, construção de capella e casa para escolas publicas.

Art. 2º Ficão revogadas as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as Autoridades a quem o conhecimento, e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contém.

O Secretario desta Provincia a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Palacio da Presidencia da Provincia de Minas Gerais aos vinte e oito dias do mez de setembro do Anno de Nascimento de Nosso Senhor Jezuz Christo de mil oitocentos e oitenta e sete, sexagesimo sexto da Independencia e do Imperio.

LUIZ EUGENIO HORTA BARBOSA

Sellada e publicada nesta secretaria aos 8 de outubro de 1887.

Servindo de secretario, Pedro Queiroga Martins Pereira.

Obs.: O distrito foi elevado a município com o nome de Dom Viçoso em 12 de dezembro de 1953.



Lembro-me de uma casinha de sapé, perto da dita gabirabeira, onde minha mãe veio morar uns tempos para fazermos a igreja do Rosário. Ali ela hospedava o padre de Cristina que vinha celebrar aos domingos. No espaço de um ano mais ou menos, os empreiteiros cobriram a igreja e na mesma ocasião fizeram uma boa casa ao lado da igreja, a qual os leitores já conhecem.

Foto: Casa do Zotinho em Dom Viçoso.

3 - POLÍTICA

Puseram o papai como chefe político do partido “Pica-Pau”, que é contra o partido “Grilo”, chefiado por Francisco Teodoro Paiva, casado com Maria Custódia. Tio Chiquinho Paiva, como papai o chamava, morava perto da fazenda do João Capistrano, seu sogro.

Meu pai, como já disse, morava no Rosário. Minha madrastra era professora e ele controlava a política arrumando o Rosário, deixando nos Pintos a fazenda de 300 alqueires, que eu controlava duas partes compradas com minha mãe, das quais nos herdamos 25 alqueires cada um.

Meu pai desgostoso com a política por causa do irmão José Bruno de Negreiros, que ele muito combinava, mas que deixou o partido político e aceitou a candidatura de vereador especial do distrito de Rosário, no partido contrário ao de meu pai, sendo eleito vereador do partido situacionista do governo “Martelo”, chefiado por Antonio Cole, homem muito rico e ambicioso, bravo e injusto. Tudo ele “martelava” a jeito dele.

Rosário de Dom Viçoso sempre pertenceu ao município de Cristina ², comarca de Itajubá, onde papai sempre foi chefe do partido do Rosário. Nesta época passou a pertencer a Silvestre Ferraz, onde a família Junqueira ofereceu a José Nogueira de Oliveira, a chefia do partido “Prego” contra o partido “Martelo” de Antonio Cole.

². No dia 20 de janeiro de 1852, o povoado Espírito Santo dos Cum-quibos passou a ser denominado vila "Cristina". Essa mudança de nome foi feita a pedido do conterrâneo e conselheiro imperial Joaquim Delfino Ribeiro da Luz, que residia no local, para homenagear a Imperatriz do Brasil Tereza Cristina Maria Bourbon, esposa do imperador D. Pedro II. Em 1º de dezembro de 1868, a Vila recebe a visita da Princesa Isabel e seu esposo Conde D' Eu, a convite do conselheiro, para conhecer a terra que tinha o nome de sua mãe. Em 1876, a vila Cristina foi elevada à categoria de cidade, pela Lei nº 375. O município tornou-se sede de Circunscrição Judiciária (Comarca) em 8 de julho de 1876, pela Lei Provincial nº 2273

José Nogueira era um moço bom, trabalhador e muito relacionado com o povo, sendo colega de infância e parente de minha esposa. Sabendo que meu pai deixou a política, ele correu imediatamente lá em casa e disse-me:

– Nós queremos que você seja o nosso vereador aí no distrito de Rosário.

Eu consultei meu pai, o qual me disse:

– Embora eu acho que você não seja eleito, os poucos votos que você tiver, será uma honra pra você meu filho.

Com a adesão de meu pai e de toda a família eu aceitei a proposta. Tínhamos quase um ano para trabalhar.

Nessa ocasião eu estava morando lá em baixo, no fim da várzea, sempre aumentando os negócios, com duas tropas: uma levava e outra trazia as mercadorias. O meu lema era trabalhar e fazer com que todos trabalhassem. Trazia boas sementes, auxiliava os trabalhadores e arrumava bons preços para suas mercadorias. Eu mandava cereais para o Rio e São Paulo e trazia mantimentos para a venda.

Há essas alturas os Pintos tinham tomado grande impulso com a vinda do papai para a Casa Grande. O Zé Nogueira mandou tapar os buracos da estrada, e com dificuldade, de vez em quando ele vinha de Silvestre Ferraz ³ no seu “Pé de Bode”. O povo foi simpatizando com ele. Estávamos na véspera da eleição. O Zé Nogueira ia nas casas de um por um dos eleitores, o que eles ficavam contentes. O povo trocou os nomes dos partidos políticos, agora eram: “Cole” e “Zé Nogueira”.

4 - FURTO

Tendo me sumido um dinheiro da gaveta da venda, eu procurei o delegado do Rosário, que não quis tomar fé, dizendo que eu estava com os negócios atrapalhados. Um amigo de Cristina me aconselhou que oficializasse ao chefe de polícia de Belo Horizonte. Pedi para o tenente Eugenio, de Soledade, para me fazer esse serviço.

No domingo seguinte, arriei o cavalo e fui cedo para o Rosário, para ouvir missa. Na entrada do Rosário, dois soldados a mando do Sr. Antonio Cole, me disseram que o tenente mandara me chamar. Eu perguntei:

– Os Srs.querem me levar preso?

Responderam:

– Não, nos vamos juntos, e se não der tempo de embarcar de volta, o quartel está lá às suas ordens para pousar.

³ Em 1900, o Governo criou o Município de Silvestre Ferraz, pela lei Estadual nº 319, de 16 de setembro de 1901. O município recebeu o nome de Silvestre Ferraz, pelo fato de já ser este o nome da estação ferroviária que servia à localidade. O Dr. Silvestre Ferraz Júnior, natural de Cristina, nascido em 14 de abril de 1851 e falecido em 1 de fevereiro de 1889, político de influência no sul do Estado, nesta ocasião deputado provincial, conseguiu que a Estrada de Ferro Sapucaí, construída na época, passasse em Cristina, servindo assim, o distrito de Carmo do Rio Verde. A diretoria da Estrada de Ferro prestou-lhe homenagem perpetuando seu nome em uma das estações. Em face da Lei nº 893, de 10 de setembro de 1925, a sede do município de Silvestre Ferraz ganhou foros de cidade. Pela Lei nº 1.039, de 12 de dezembro de 1953, o município tomou o nome de Carmo de Minas, ficando constituído apenas pelo distrito da sede com a emancipação de Dom Viçoso, permanecendo assim até hoje.

Fui à missa primeiro e os dois soldados ficaram na porta da igreja esperando. Rezei com fé, tinha certa desconfiança desse povo de farda. Terminada a missa escrevi um bilhete para a minha esposa, montei a cavalo e os dois me acompanharam. Cheguei em Silvestre Ferraz uma hora antes deles. José Nogueira me esperava na entrada da cidade. Contei a ele que ia atender um chamado do tenente de Soledade. Imediatamente fui para a estaca. Embarcou me seguindo um mulato a mando do Cole, que estava curioso com o negocio meu com o tenente.

Chegando em Soledade, atravessei a ponte e fui na pensão onde residia o tenente. Ele estava na cabeceira da mesa de jantar. O mulato puxou uma cadeira da mesa e sentou-se. O tenente levantou-se, cumprimentou-me e leu o oficio em voz alta para todos escutarem:

– Sou seu camarada, estou as suas ordens ...

E o mais bonito no fim do oficio:

– Desta data em diante, serás o delegado especial do distrito do Rosário de Dom Viçoso. Eu já tinha encontrado o meu dinheiro roubado, pus a mão no bolso e dei uma pelega de 500 mil réis para o tenente.

Fiquei tão contente que nem quis jantar, peguei um carro de aluguel e as oito horas da noite eu já estava na casa do Zé Nogueira em Silvestre Ferraz, o qual ficou muito contente com a noticia. Pegou o seu “Pé de Bode” e disse:

–Vamos ver a sua patroa.

Às 10 horas o jipinho já estava roncando vargem abaixo. Quando cheguei meu povo me esperava todo de pé. Em pouco tempo minha mulher toda contente fez uma lauta ceia. Eu estava rodeado da criançada que tinham levantado e dos parentes e amigos que chegavam curiosos. Passamos a noite movimentada.

5 – ELEIÇÃO

No domingo seguinte fui ao Rosário esperar o tenente, que queria conhecer o delegado. Estava nas vésperas da eleição. Ele me disse:

– No dia da eleição eu estarei aqui.

Eu fiquei contente, porque o meu amigo e chefe Zé Nogueira estava ocupado lá em Silvestre Ferraz, que lá o “fumo” era forte. Disputava a presidência da câmara os próprios Zé Nogueira e Antonio Cole. Mesmo assim ele olhava tudo: lá e cá.

Chegou o dia esperado. Eu com a família arranchamos numa casa no largo da igreja. Era um domingo. O vigário marcou a missa para as 5 horas da manhã. Ao terminar a missa, estava na porta da igreja um caminhão com 12 soldados a mandado do Cole, os quais foram mandados dois para cada lado das estradas dos Pintos, etc. O povo ficou assustado, pois os roceiros têm muito medo do bicho soldado.

Na casa de instrução começou a eleição. Lá estavam os cabos eleitorais de lado a lado. O tio José Bruno, vereador do Cole, fiscalizava os fiscais. Um dos primeiros chamados a votar foi o meu avô Antonio José Negreiros, Com 80 e tantos anos. Queria votar em mim, mas o seu título estava no bolso do José Bruno, o qual disse:

– Ele não vota porque não tem título.

Daí 1 hora mais ou menos chega um automóvel de Silvestre Ferraz, procurando o Sebastião Crisóstomo de Negreiros. O carro parou no largo da igreja, desceu o tenente e um emissário do Zé Nogueira me trazendo uns papéis.

O tenente me disse:

– Estou aqui Sr. Negreiros, para manter a ordem.

Dois soldados e o delegado que estavam na calçada vieram descendo. Perto do tenente juntaram os pés e fizeram continência. O tenente disse ao delegado:

– Enquartelem-se todos, não quero um soldado na rua.

Entre os papéis que recebi do Zé Nogueira, estava a 2ª via do título de eleitor do meu avô. Foi uma das maiores satisfações que tive. O meu avô pegou o título e a minha cédula, que naquele tempo eram descobertas, levou aos mesários e disse: – Já fui chamado, está aqui o título e quero votar.

Foi um dia movimentado. Gente de todo lado. Às 4 horas chegou um caminhão de Silvestre Ferraz trazendo uns 10 eleitores do Paraná. Tinham sido arrendeiros do papai., que tinham mudado para lá. Zé Nogueira mandou um emissário para ver se eles não tinham transferido o título. Fez todas as despesas. Lá pelas 6 horas chegou um emissário do Zé Nogueira dizendo que ele tinha triunfado em Silvestre Ferraz com uma boa margem de votos, o que ficamos contentes.

Mas aqui a coisa tava dura, mais ou menos eu estava por baixo. Lá pela meia noite é que ficamos sabendo dos resultados. Eu ganhei por dois votos de diferença, o que eu considerei o ganho devido ao voto de meu avô, porque se ele fosse contra, empatava, e o tio Zé Bruno, como era mais velho que eu, ganharia.

Rosário, onde minha mãe e meu pai tudo fizeram e hoje, num espaço de 20 anos, cá estou eu como 1º vereador do distrito. Logo que tomei posse na Câmara, da qual foi eleito presidente o nosso conhecido e chefe José Nogueira.

José Nogueira pediu para eu assinar um empréstimo de 300 mil reis para Silvestre Ferraz. Assinei o empréstimo com direito de 20 % para o distrito, que foi para por luz no Rosário, a qual lá está funcionando à quase 40 anos.

O Zé Nogueira me autorizou a fazer a estrada dos Pintos à São Lourenço. Chamei o tio João do Morro, o qual em pouco tempo fez a estrada, passando pelo Luiz Martins, saindo da Ponte da Pedra, encurtando quase uma légua a estrada velha.

Eu, com os meus negócios nos Pintos, não incomodava com a política. O nosso bom Zé Nogueira, quando precisava de mim na Câmara, mandava o seu jipinho me buscar.

6 – TRABALHO NA CASA GRANDE

Em 1930 o papai foi morar em uma chácara em Passa Quatro. Eu fui para a Casa Grande, aumentando cada vez mais os trabalhos, com todos os irmãos, menos o Niquinho que era farmacêutico na Encruzilhada (Cruzília), onde o Padre Augusto era o vigário.

Na Casa Grande moravam:

- Goíca, casada com Dotte Otello, teve os filhos Valter, José Dotte, Moacir, Rômulo, Sebastião e Ana Maria;
- Carmita, casada com Carlos Lauer, com os filhos Eduardo e Alda;
- João, casado com Nair Fernandes, com os filhos: Juarez, José, Sebastião, João, Antonio, Maria José e Maria Aparecida;
- José Bartolomeu, casado com Lourdes Bustamonte Negreiros, com os filhos: Célio, Sebastião, Artemiro, Ondina, Alair, Alda, Bernadete, Margarida, Ilma e Mria Tereza

Niquinho, que morava na Encruzilhada, casado com Otacília Ferreira Negreiros, tiveram com os filhos: Laerte, Evaldo, Zé Neves, Everaldo, Hugo, Roberto, Maria Ângela, Terezinha e Eloísa.

Eu na Casa Grande aumentei o movimento. O Hotelo com seus apetrechos de fábrica de bons queijos parmezão, um grande paiol de 600 a 800 cargueiros de milho, perto de um bom moinho d'água. Em baixo, um chiqueiro, com uns 30 a 60 capados e um bom gado leiteiro, tudo isso arrendado de meu pai.

Em 1931 fiz o casamento dos dois irmãos João e Bartolomeu. Moravam comigo na Casa Grande. Uns 5 ou 8 meses depois fiz uma casa de morada na cabeceira da vargem, na estrada do alto da serra para o João e Nair.

Para baixo, perto da Casa Grande, fiz outra para o José Bartolomeu, Abri uma escola municipal, a qual a mulher dele, Maria Bustamonte Negreiros, foi nomeada professora

Nessa ocasião a Carmita já estava viúva de Carlos Lauer, moço bom e meu grande amigo. Ele mai seu irmão Rodolfo e seu primo Augusto, vieram da Alemanha por volta de 1925. Rodolfo casou-se com Maria do Carmo Gorgulho e Augusto com Maria Vilena Negreiros.

7 – MEU CAMINHÃO E O MOTORISTA GERALDO LIMA

Em 1928 comprei um caminhão Ford, por um conto e quinhentos. Tinha por meu chofer um menino de 12 anos que peguei nas ruas de São Lourenço: Geraldo Lima, órfão de pai. Dizia que a mãe morava em Itajubá.

Rapaz esperto e ativo sabia guiar bem. Em pouco tempo, com o treino de viajar por estas bibocas, sem estradas e sem recursos, pousando pelas estradas, ficou um bom mecânico.

Antes de ir para a Casa Grande eu já negociava com madeira serrada, a qual vendia em São Lourenço. Eram três dias de viagem. Saía daqui, pousava nos Campos e no outro dia entregava a madeira e voltava nos Campos. Agora, com a nova estrada do Rosário a São Lourenço, o meu fordeco ajudava a levar.

A minha esposa fazia as nove sexta feiras e os sete domingos desde solteira; agora casados, íamos juntos à cavalo. Saíamos às 8 horas e às 11 horas estávamos em casa. Mais tarde, quando aumentou os filhos, ela ia e eu ficava com as crianças. Nos domingos nos íamos todos de caminhão.

Estradinha ruim e muita pedra lá em baixo. O Geraldo, o chofer, gostava de ver os caboclos, quando escutavam o barulho do caminhão, apeavam, pegavam na ponta do cabresto, deixavam o cavalo na beira da estrada, passavam pra lá da cerca de arame e quando o caminhão passava gritavam:

– Devagar moço! Cuidado que este cavalo não é gente.

Às vezes eu ia à Pouso Alto de caminhão, para assistir a Semana Santa lá. Passava por Virginia e pela estrada de Itanhandú, saindo para cima do cemitério de São Sebastião do Rio Verde. Naquele tempo era só lá em Pouso Alto que havia a Semana Santa inteira. O povo todo da redondeza ia para lá.

Eu com a família, o Teofinho com a Augusta, a Goica com os dois filhos Valter e José Dotte, Carmita com o Eduardo e Alda, entramos no caminhão e fomos. Viramos o alto do Rosário e descemos na Água Limpa. Na passagem de um córrego queimou a embreagem do caminhão e tivemos que armar a barraca. Arranjei uma meia água na beira da vendinha. Forramos com encerados e acendemos o fogo para fazer a bóia. Eu carregava um jacá de caldeirão e um fogão de três pernas de ferro e uma correntinha no meio para pendurar as panelas. Conforme estava o fogo eu suspendia ou abaixava a panela. A Goica tratou de fazer o “macadame”, tudo numa panela só: feijão cosido, arroz, macarrão e ovos. Às vezes mexia um revirado que era muito gostoso e outras vezes comia-se com farinha.

O Geraldo foi à Virgínia e arranhou a peça emprestada de outro caminhão, com o Zé Barbeiro. De tarde seguimos e ainda fomos passar em Pouso Alto, com a reza de minha esposa e com a proteção de Nossa Senhora do Rosário. Andava para todo o lado com meu caminhão, milagrosamente.

Uma vez peguei um caminhão de batatas para levar em São Lourenço. Na passagem do Rosário duas mulheres pediram carona e o Geraldo parou e disse:

– Sobe lá em cima!

E ajeitou os sacos de batata para elas sentarem. Ao subir um tope nos Campos, tinha dado uma chuvinha e estava liso. O Geraldo embalou até o meio do morro, o motor afogou e Geraldo freou o caminhão. O carro derrapou e bateu no buraco da enxurrada e virou, encostando no barranco. As duas mulheres caíram em cima do barranco juntamente com o encerado e uns sacos de batatas que tombaram também. Aprontaram uma berreira e o Peninha veio de carreira com uma caneca d'água.

Mas, graças a Deus, foi só um susto. As mulheres levantaram e foram andando. Nós empurramos o caminhão, pusemos os sacos de batata e pegamos o tope. Lá em cima alcançamos as mulheres. O Geraldo passou e elas zangaram com ele:

– Não queremos mais esse amaldiçoado não!

O Geraldo riu e elas falaram:

– Qual é a graça, “fé-da-puta”.

Recordo do tempo de minha avó, Maria do Carmo, gostava de ver todos alegres e realizava bailes quase todos os sábados, com a reunião de todos. Eu também, nas festas de São João e Santo Antônio, levava a banda de musica do Rosário até Pouso Alto e trazia a banda de Cristina para tocar nos Pintos.

Costumava buscar as mocas na Vargem Alegre para dançar. Na descida da serra de Cristina para Silvestre Ferraz, arrebentou o freio do caminhão e o Geraldo afirmou a direção. O povo lá em cima gritava:

– Eta chofer bão! ...

E o caminhão corria. Chegando em baixo o Geraldo me chamou e mostrou o freio escapado. Arrumou e pegou no tope.

Uma vez fui buscar em Passa Quatro o papai com a esposa para dar um passeio nos Pintos. Passei por Pouso Alto e ao subir o tope perto do Triângulo, tinha um mata burro, o qual o caminhão afogou e a roda de trás escapou da viga do ata burro, ficando dependurado pelo eixo da roda. Nos descemos e foi preciso bois para puxar o caminhão. Com mais 5 ou 6 cm o caminhão cairia numa altura de uns 12 metros. Em duas horas tiramos o caminhão e fomos para o Rosário agradecer a Nossa Senhora do Rosário este milagre.

Outra vez levei o meu povo a Silvestre Ferraz para tirar o título de eleitos. Na volta, ao descer o morro da Ponte de Pedra, com a Ita, minha madrasta, eu na frente com o Geraldo e o povo em cima cantando a Ave Maria. O caminhão não tinha o vidro da frente, que estava quebrado. Veio um passarinho voando, bateu no peito do Geraldo, o qual largou a direção, pegou o passarinho, pôs o pé no freio, bateu a mão na direção e segurou o caminhão. A roda de trás suspendeu, andou no ar. Para o lado de baixo era um ladeirão. Desceram todos e seguraram o caminhão para o Geraldo ligar o motor e tocar na estrada.

Outra vez, levava um caminhão de batatas para Caxambu. Para lá de São Lourenço, na descida do morro de Soledade, saiu a roda traseira do carro, abaixando o eixo e parou. A roda foi rolando ladeira abaixo. Tinha um camarada capinando, que começou a gritar e a pular com medo da roda vir nele. A roda desceu e pranchou na beira do Rio Verde. O Geraldo desceu e com o camarada ajudando trouxeram a roda. Eu procurei as porcas e arruelas, e pusemos de volta a roda, substituindo um pino que ficou faltando por um prego forte.

Depois troquei o caminhão por um carro e uma boiada magra, mas traquejada no trabalho. Troquei com o Casemiro lá no Bom Retiro. Passado uns dias o Casemiro foi lá em casa buscar o Geraldo, pois o caminhão estava parado. Só andava com o Geraldo.

O Geraldo foi e casou-se com Leonor. Quando nasceu seu primeiro filho: o Paulo Lima. Trouxe-o com a família para o Rosário. Puxava madeira para São Lourenço, mas desta vez com um bom caminhão e boas estradas. Depois de um ano mais ou menos ele foi para Itajubá. Lá ele, com força de vontade, entrou trabalhando na fábrica de armas. Estudando, fez o ginásio. Fez sociedade com o Paulo Pereira numa grande oficina. Perdeu a mulher com seu segundo filho Carlinhos.

8 – FUTEBOL

Nos pés do morro da Casa Grande eu fiz um campo de futebol: “Campo dos Negreiros e Gorgulhos”. Treinei bem o pessoal. Recebia time de fora e o time dos Negreiros ia jogar no Rosário, na Virginia, na Água Limpa e aqui pela redondeza.

O meu irmão Niquinho, como já disse, morava na Encruzilhada (Cruzília). Assistiu aqui um jogo de Rosário com os Pintos e gostou muito, ficou entusiasmado. Chegando lá, combinou com o time de Cruzília e mandou um ofício convidando o nosso time para jogar lá. Resolvi levar o time, mas não tinha uniforme. Minha esposa mandou eu comprar um pano vermelho de 300 reis o metro e fez 11 camisas com punhos e golas brancas e a do goleiro com uma faixa branca, o que ficou muito bonito.

Arrumei o time e fomos. Chegando lá fomos recebidos com foguetes e um festão danado. Os jogadores se formaram e a banda tocando. O campo era meio retirado da cidade e o time de lá era de colégio. A banda tocava, o nosso time marchava desencontrado e o suor escorria. Tive medo de uma grande surra. Os times formaram-se, o juiz apitou a saída. Em dois tempos a bola veio no goleiro que pegou virando cambota e jogou a bola pra lá. A assistência gostou de ver. Eu fiquei entusiasmado e gritei para o pessoal:

- Segura meu povo!... Acabou o primeiro tempo zero a zero. Jogo bonito e apertado.

Trocaram de campo, começaram novamente a jogar.

A partida terminou empatada em zero a zero. Foi aquela foguetada e a banda tocou. Fomos para o jantar, todos contentes e alegres. Passamos a noite dançando. No outro dia pegamos um bom almoço e pegamos o tope de regresso para a Casa Grande, no meu caminhão Ford.



Parque de São Lourenço: Pagem, Augusta Negreiros, Vovó Maria de Jesus com Dorinha no colo, Tia Carmita, Tia Donana, Vovô Zotinho, Alaíde e Bebê